

Brasília, a decadência de um patrimônio mundial

O Plano Piloto, o cartão-postal da capital do País, é hoje um desbotado retrato na parede. Seus jardins, ruas e monumentos estão se deteriorando pela ação do tempo, dos vândalos e pelo descaso do GDF. Enquanto alguns órgãos brigam, outros tentam mudar essa imagem, para que Brasília mereça ser um patrimônio da Unesco.

Luiz Ribeiro

Está mal cuidado o mais novo Patrimônio Cultural da Humanidade. Brasília, até bem pouco tempo, era conhecida como exemplo de cidade conservada com capricho, sempre muito limpa e bem ajardinada. Agora, justamente quando a Unesco decidiu incluí-la na seleta relação do patrimônio Mundial, a cidade mostra evidentes sinais de descaso na sua manutenção.

Ruas esburacadas, jardins tomados pelo mato e muita sujeira. Estes problemas já não estão mais restritos às distantes e escondidas cidades-satélites. Estão presentes no foco dos principais cartões postais de Brasília, como o Eixo Monumental, o Centro Comercial Sul, a Rodoviária e os Setores de Diversão Sule Norte.

Restos da eleição
Já está quase começando uma nova campanha eleitoral e os restos da propaganda da eleição de 86 ainda não foram retirados do centro da cidade. Viadutos, pontos de ônibus, placas de sinalização, rampas e muros de arrimo ainda continuam sujeira de muitos meses, talvez anos. Musgos e, principalmente, poeira e lama, que já se transformaram em placas de barro seco, dão uma coloração parda ao conjunto, cuja beleza maior estava justamente no seu branco reluzente. Para devolver esta beleza não é

Mas existem limpezas muito mais fáceis, que também não estão sendo feitas. As grandes paredes do conjunto arquitetônico da Rodoviária — todas revestidas de ladrilhos vitrificados — acumulam sujeira de muitos meses, talvez anos. Musgos e, principalmente, poeira e lama, que já se transformaram em placas de barro seco, dão uma coloração parda ao conjunto, cuja beleza maior estava justamente no seu branco reluzente. Para devolver esta beleza não é

Arquivo 6/1/88



Mello e Magalhães: divergência sobre a quem compete limpar

Brigas prejudicam a limpeza

No Palácio do Buriti, é difícil saber de quem é a responsabilidade pela má conservação da cidade. O Secretário de Serviços Públicos, José Carlos Mello, entende que as atribuições do Serviço de Limpeza Urbana (SLU) — órgão vinculado a sua secretaria — estão restritas a varrer e coletar lixo. Lavagem das paredes da Rodoviária e dos viadutos; desobstrução de bueiros e conservação de jardins, seriam atribuições da Secretaria de Viação e Obras, sustenta Mello.

A Rodoviária tem uma administração própria, que deveria cuidar de todos os trabalhos de limpeza e conservação do local. E esta administração é subordinada à Secretaria de Serviços Públicos — afirma o secretário de Viação e Obras, Carlos Magalhães, reconhecendo que os demais serviços de conservação da cidade estão sob a responsabilidade de sua secretaria. Mesmo reconhecendo esta responsabilidade, Magalhães não sabe dizer quais são os seus subordinados que estão deixando de cumprir suas obrigações e, principalmente, por que não as cumprem.

Sem resposta

Diante do repórter, Magalhães tenta, por telefone, saber o que foi feito do recurso solicitado, logo após a campanha eleitoral, para limpeza com jatos de areia das pichações dos viadutos. Não consegue a resposta. Ninguém sabe informar que fim levou o tal pedido, que já completou seu primeiro aniversário, sem festas, em alguma gaveta do GDF.

Do responsável pela conservação de parques e jardins, Egberto Zanon, o secretário ouve a curiosa explicação de que as chuvas estão atrapalhando a conservação: "A gente poda a grama de manhã e, de tarde, ela já cresceu", diz, exagerando a fertilidade do solo brasileiro.

Egberto reclama também que dos 40 microtratores usados para poda da grama, apenas 21 estão em operação. Os demais aguardam reparos nas oficinas. Apesar de dispor de um exército de 1.800 homens para dar combate às ervas daninhas e manter em bom estado os parques e jardins, Egberto alega que justamente nesta época — devido aos recessos de Natal e Ano-Novo — falta gente para o serviço, que acaba ficando

necessário mais que escovões, água e sabão.

Ainda na Rodoviária há muita pintura descascando, grades de proteção e parapeitos cobertos de ferrugem. No estacionamento, na plataforma superior do lado Sul, a canaleta de escoamento de águas pluviais está sem grades de proteção e entupida pelos mais variados detritos. E um esgoto aberto, cuja fedentina já é velha conhecida dos que transitam pelo local.

Churrasco na fonte

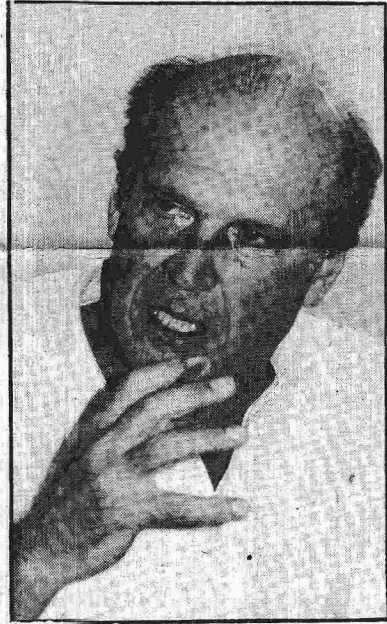
As fontes luminosas existentes diante dos dois setores de diversão estão abandonadas há muito tempo. Com encanamentos danificados e sujas, algumas fontes estão cheias de águas de chuvas e outras, completamente secas. Uma destas, existentes diante do Edifício Conic, está tendo um uso inusitado: virou uma espécie de churrasqueira ou depósito de carvão e cinzas, utilizado pelos ambulantes que, à noite, vendem no local os famosos "churrasquinhos de gato".

Ainda diante do Conic, os jardins que cercam as fontes estão tomados pelo mato. Capim e ervas daninhas já estão sufocando as flores plantadas no local.

No Setor Comercial Sul não há um horário definido para a coleta do lixo. As lixeiras — latões colocados em buracos com tampa sob as calçadas — são insuficientes para abrigar os detritos recolhidos das ruas e dos prédios até a chegada dos caminhões da limpeza pública. Por isso, sacos plásticos — contendo desde papéis de escritório até restos de comida — ficam amontoados sobre as calçadas, quando não são espalhados por cães vadios.

Desbotadas, sujas ou cobertas de cartazes e pichações, tornaram-se praticamente inúteis — em sua grande maioria — as placas de indicação das quadras e lotes, tanto no centro, como no resto da cidade.

Arquivo 23/12/87



Roosevelt Pinheiro

Com a deficiência na coleta de lixo, a sujeira toma conta da cidade, comprometendo sua imagem de patrimônio da Unesco



Roosevelt Pinheiro

Roosevelt Pinheiro

Campanha para mudar imagem

Antes de viajar para a Europa e Ásia, o governador José Aparecido recomendou ao diretor do Detur, Heitor Reis, que elaborasse um projeto destinado a preservar o que não foi destruído, recuperar o que está sendo danificado e construir o que ainda não existe. O projeto já está pronto e pretende, com a ajuda da população, embelezar as quadras e avenidas da cidade, além de dinamizá-las culturalmente.

O êxito do projeto não depende só de verbas do GDF, mas também da colaboração dos órgãos responsáveis em manter a boa aparência da cidade — ou, pelo menos, do Plano Piloto, o cartão-postal de Brasília —, como as Secretarias de Viação e Obras e a de Serviços Públicos, cujos secretários Carlos Magalhães e José Carlos Mello, respectivamente, estão rompidos politicamente por causa do metrô. O primeiro não concorda com o projeto que o segundo que executar imediatamente, mesmo que isso implique em endividamentos que os construtores da cidade — Oscar Niemeyer e Lúcio Costa — acham desnecessários no momento.

Mas independente da ajuda desses órgãos, o Detur não vai poder dispensar a ajuda das associações de moradores, que no Plano Piloto não têm a mesma força e a mesma participação comunitária das existentes nas satélites. Essas associações são indispensáveis na medida que podem influir para conter os depredadores do patrimônio público — a maioria, conforme já foi identificada pela polícia, garotos de classe média, que formam problemáticas gangues de vândalos.

O trabalho do Detur, entretanto, está totalmente desassociado de uma outra campanha contra o vandalismo que será executada pela Secretaria de Educação. A ideia da secretaria é reduzir os gastos com a manutenção e restauração de materiais e equipamentos danificados pelos próprios alunos, especialmente os das cidades-satélites com maiores índices de criminalidade, como Ceilândia e Gama.

Mas não é só o Detur e a Secretaria de Educação que estão tentando impedir e conter a crescente onda de vandalismo. O Departamento de Serviços Públicos também já planeja substituir as placas indicativas de concreto por outras de ferro, o que, conforme acredita, reduziria o número de depredações e os custos com reposição e manutenção.

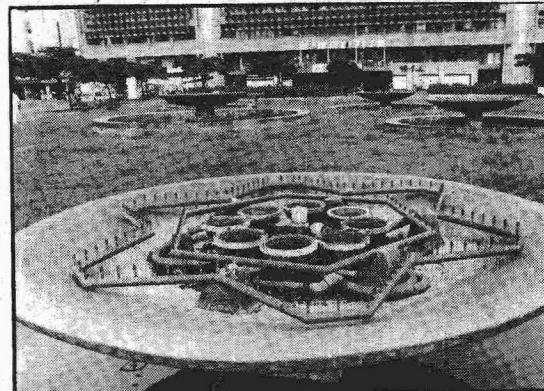
Esses órgãos, entretanto, vão fazer esse trabalho isoladamente. Até ontem, pelo menos, não havia qualquer informação ou indício de que o combate à destruição do patrimônio público da cidade será feito em conjunto, onde todos possam colaborar para que, comunidade e Governo, recuperem e preservem o que agora é um patrimônio cultural da humanidade: Brasília.

Carlos Menandro



Rodoviária, o maior exemplo da decadência. Ali, sujeira e precariedade estão em toda parte

Roosevelt Pinheiro



As cenas da decadência: chafarizes quebrados, placas indicativas destruídas e ruas alagadas por causa dos bueiros entupidos